

A PERSPECTIVA DIALÉTICA E PEDAGÓGICA NA OBRA KIRIKU E A FEITICEIRA

The dialectical and pedagogical perspective in the work Kiriku and the sorceress

La perspectiva dialéctica y pedagógica en la obra Kiriku y la hechicera

João Nunes da Silva^{1, 2}

RESUMO

O objetivo central deste artigo é identificar aspectos na obra *Kiriku e a feiticeira* (Michel Ocelot, 1998) que favorecem na compreensão da cultura africana, especialmente no que diz respeito à desconstrução de estereótipos e preconceitos. A análise se baseia em trechos do filme no intuito de identificar aspectos centrais que favorecem uma leitura crítica do mundo, como a desconstrução do mito do herói Ocidental que costumamos ver no cinema para a massa. Na obra analisada encontramos elementos fundamentais para a compreensão do universo mítico e cultural relacionado aos povos africanos e suas formas de enfrentamento dos problemas vivenciados, como o preconceito e o racismo, ao longo do tempo, que remetem a desconstrução de estigmas e de estereótipos propulsores do racismo, do preconceito e da discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Kiriku e a feiticeira; cultura africana; cultura.

¹ Doutorado em Comunicação e cultura contemporâneas (UFBA). Mestrado em Sociologia (UFPB). Licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais (UFPB). Pós-graduação em metodologias e linguagens em EAD. Professor Adjunto I da UFT – Miracema. Experiência em gestão de projetos de pesquisa e extensão, com atuação em cinema e educação, roteiro e direção de documentários. Experiência em EAD e produção de material didático. E-mail: jnunes7@gmail.com.

² Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Tocantins. Campus Miracema. Avenida Lourdes Solino s/nº, Setor Universitário, CEP: 77.650-000, Miracema/TO, Brasil.

ABSTRACT

This article is about ideology, construction of stereotypes and forms of fight against prejudice and racism from the film work: *Kiriku and the Sorceress* (Michel Ocelot, 1988). The central objective is to identify aspects in the work *Kiriku and the Sorceress* that favor the understanding of African culture, especially with regard to the deconstruction of stereotypes and prejudice. The analysis is based on excerpts from the film in order to identify central aspects that favor a critical reading of the world, like the deconstruction of the myth of the western hero we usually see in the commercial cinema. In the analyzed work we find fundamental elements for the understanding of the mythical and cultural universe related to the African peoples and their ways of coping with the problems experienced, such as prejudice and racism, over time, which refer to deconstruction of stigmas and stereotypes of racism, prejudice and discrimination.

KEYWORDS: *Kiriku and the sorceress*; African culture; culture.

RESUMEN

Este artículo trata de ideología, construcción de estereotipos y formas de enfrentamiento al prejuicio y al racismo a partir de una obra fílmica: *Kiriku y la hechicera* (Michel Ocelot, 1988). El objetivo central es identificar aspectos en la obra *Kiriku y la hechicera* que favorecen en la comprensión de la cultura africana, especialmente en lo que se refiere a la deconstrucción de estereotipos y prejuicios. El análisis se basa en fragmentos de la película con el fin de identificar aspectos centrales que favorecen una lectura crítica del mundo, como la deconstrucción del mito del héroe occidental que solemos ver en el cine para la masa. En la obra analizada encontramos elementos fundamentales para la comprensión del universo mítico y cultural relacionado a los pueblos africanos y sus formas de enfrentamiento de los problemas vivenciados, como el prejuicio y el racismo, a lo largo del tiempo, que remiten la deconstrucción de estigmas y estereotipos propulsores. El racismo, el prejuicio y la discriminación.

PALABRAS CLAVE: *Kiriku y la hechicera*; La cultura africana; la cultura

Recebido em: 12.07.2017. Aceito em: 25.08.2017. Publicado em: 30.08.2017.

Introdução

A obra cinematográfica *Kiriku e a feiticeira*, uma produção franco-belga, dirigida por Michel Ocelot (1998), uma animação com 74 minutos. Apresenta elementos importantes que possibilitam um olhar crítico sobre a vida e a sociedade, e, de modo mais específico, sobre a desconstrução de preconceitos, estigmas e estereótipos tão presentes ainda em nossa sociedade.

Em vez de legitimar os padrões ocidentais, como faz o cinema comercial, o filme sobre o pequeno herói negro lança um olhar sobre a vida simples de um povo que vivia subjugado por uma feiticeira má (BENJAMIN, 1994; CHARNEY; SCHWARTZ, 2001). Na obra *Kiriku e a feiticeira* temos a oportunidade de conhecer aspectos centrais do povo africano: sua história, suas crenças, seu modo de vida, o papel da mulher como protagonista no cotidiano da comunidade, a naturalidade da vida dos aldeões, a beleza da natureza, os cantos e ritos, entre outros aspectos.

Este artigo se propõe apresentar aspectos centrais da obra *Kiriku e a feiticeira* com vistas a contribuir para a discussão e a reflexão sobre a importância do uso de filmes dessa natureza na escola e demais ambientes para auxiliar nos processos educacionais e, principalmente no sentido de desconstruir preconceitos e estereótipos construídos pelas elites colonizadoras e que ainda hoje estão presentes em nosso meio de forma velada legitimando o racismo e a discriminação. A seguir são destacados aspectos importantes que se encontram em *Kiriku e a feiticeira* os quais permitem um olhar pedagógico e crítico sobre a cultura africana e suas formas de enfrentamento ao racismo e estratégias de sua legitimação propagados pela cultura ocidental.

Da análise

Para a análise foram levados em consideração na obra *Kiriku e a feiticeira*, uma animação realizada em co-produção França e Bélgica, dirigida por Michel Ocelot, de 1998, aspectos centrais que

remetem o espectador a refletir sobre a organização social, política, econômica, cultural e religiosa expressos no estilo de vida das pessoas da comunidade retratada (a aldeia do Kiriku), a estética, as crenças e mitos, a posição da mulher e dos anciãos, o personagem central Kiriku e sua relação com as crianças, com sua mãe, com destaque para suas falas e questionamentos e sua maneira de enfrentar os perigos e as dificuldades no cotidiano da aldeia a qual pertence.

A animação *Kiriku e a feiticeira* apresenta inicialmente sons de batuques de tambor, enquanto surgem os primeiros créditos; em seguida temos imagem de uma aldeia na qual é mostrada em destaque uma grande árvore no lado direito da tela, árvore essa típica da África, que lembra algumas raízes como se tivessem nascidas de modo inverso; isto é, é como se a raiz substituísse as folhas. Logo á esquerda se nota; um conjunto de cabanas em formas de cones distribuídas de forma simétrica. A cena segue com um movimento de câmera subjetiva, produzindo a sensação de que o

espectador está ali adentrando a aldeia. A subjetiva segue, enquanto se permite ver e ouvir algumas galinhas e crianças; elas riem e correm para o centro da aldeia. Logo se adentra numa das casas da aldeia onde se encontra uma mulher negra em trabalho de parto; ela se encontra num canto da sala tem os cabelos trançados e os seios a mostra; veste apenas uma saia azul e alisa uma enorme barriga. Enquanto isso se ouve uma voz de criança que diz: "Mãe quero nasce". A mãe escuta, alisa a barriga mais uma vez e responde: uma criança que fala na barriga de sua mãe pode nascer sozinha (01':00" a 01':46").

Aos poucos vai surgindo entre as pernas da mãe uma criança rastejando; ela para, depois fica sentada de frente para sua genitora, olha para o próprio umbigo, retira sozinha o cordão umbilical e em seguida fala: *eu me chamo Kiriku*. A criança pede que a mãe lhe dê um banho. A mãe responde que uma criança que nasce sozinha também pode tomar banho sozinha (01':51" a 02':29") . O garoto se dirige para uma bacia cheia de água e toma o seu primeiro banho alegremente,

deixando escapar água da bacia, fato que leva a mãe a alertá-lo para que não gaste muita água, pois, Karabá, a feiticeira, secou toda a água da aldeia.

Essas imagens revelam a chegada do garoto africano de nome Kiriku ao mundo; logo se percebe algo incomum; um menino que nasce sozinho, rir, fala e ainda toma banho sem a ajuda de ninguém. As imagens são acompanhadas por uma música suave, com a predominância de instrumentos de cordas e batuques de tambor. A música remete o expectador a um mundo bucólico, típico das aldeias. Expressa, dessa forma, a naturalidade da vida, a harmonia com a natureza e sua simplicidade.

Chama-nos a atenção a simplicidade da aldeia e de seus moradores; também não deixa de ser curioso o fato de a mulher exibir naturalmente seus seios. Para a nossa cultura ocidental isso é algo estranho e até mesmo imoral; quer dizer, isso no olhar preconceituoso por parte de quem não conhece os costumes dos povos

africanos conforme podemos ver na aldeia do pequeno Kiriku.

Temos, portanto, uma mulher negra com os seios a mostra, uma criança que anda, fala, rir e toma banho sozinha. A criança é minúscula, bastante alegre e atenta para tudo que está a sua volta, de modo que não deixa de mostrar preocupação com a fala da mãe sobre o que fez a feiticeira em relação à água da fonte que atendia toda a aldeia.

Nessas cenas se percebe nitidamente elementos que remetem à desconstrução de padrões e de preconceitos. Se não é normal na sociedade ocidental ver mulheres de seios nus em seu cotidiano, em *Kiriku e a feiticeira* temos exatamente essa demonstração de uma cultura aldeã, assim como durante muitos anos encontrávamos os nossos índios brasileiros; hoje isso é possível em poucas aldeias, devido à influência do branco. Com o avanço da sociedade industrial, marcada pela racionalidade e pelo consumismo, o que era natural passou a ser visto como algo estranho,

pecaminoso, conforme a moral cristã instituída com o processo civilizatório. Temos aí a imposição de uma cultura sobre várias outras. Em consequência disso, há uma padronização, uma tentativa de homogeneização das culturas, de modo que só é considerado decente aquilo que for determinado pela moral instituída pelos chamados civilizados.

O filme, com isso, apresenta elementos que contribuem para desconstruir o estereótipo criado pelos colonizadores de que a moral correta é aquela trazida pelos costumes cristãos para os colonizados.

Esse início da animação já evidencia a proposta pedagógica quanto ao comportamento e a cultura dos povos africanos. Mas, há outros aspectos importantes que remetem à desconstrução de estereótipos, aspectos esses que estão presentes em vários momentos. Vejamos alguns:

O garoto Kiriku, uma criatura minúscula, é exatamente o protagonista da história. Ele é inteligente, corajoso e se

torna o herói da aldeia. Além disso, não é por demais lembrar que se trata de um herói negro, algo raro quando se trata de mostrar heróis na nossa sociedade marcada pelo consumo, pelo preconceito e pelo racismo. E, ainda mais, o menino Kiriku é muito pequeno para ser um herói, considerando os padrões estabelecidos na sociedade ocidental; mas é exatamente o oposto do herói que costumamos ver diariamente na TV e no cinema que a animação de Michel Ocelot proporciona ao espectador.

O menino Kiriku nasce num mundo bastante complexo, não pelo fato de ter sido numa aldeia africana, mas principalmente por nascer numa condição hostil, considerando as dificuldades naturais e culturais que terá pela frente. As naturais ele resolve com primor, inclusive ao nascer já se dá conta do que terá que fazer; nasce falando, andando e com uma capacidade de questionamento invejável; sim, Kiriku já questiona nos primeiros momentos de sua vida; quer saber inclusive por que a feiticeira é tão má, tendo em vista que ao perguntar por

seus pais e pelos homens da família sua mãe responde que todos foram aprisionados pela feiticeira Karabá.

Em vários momentos do filme o personagem Kiriku evidencia essa capacidade questionadora; ele pergunta a todas as pessoas que encontra por que a feiticeira é tão malvada; pergunta ao seu tio que vai combater a feiticeira, ao ancião da aldeia, as mulheres da aldeia e até mesmo a própria feiticeira.

As respostas que recebe de todas as pessoas questionadas não satisfazem a curiosidade do menino.

Temos, então, uma capacidade fundamental do ser humano, especialmente em seus primeiros anos de vida que é buscar saber o que?, por que? Quem? Qual e como? Questionar é uma condição natural do ser humano, especialmente quando é criança. Essa capacidade deve ser sempre considerada em todas as fases de nossas vidas, pois, ninguém nasce sabendo tudo e, em toda a vida, estamos sempre aprendendo.

Essa capacidade de questionar é o que faz o ser humano e a sociedade se

desenvolverem; não se descobre nada sem a curiosidade e muitos menos sem se usar a capacidade da razão para analisar, refletir e interpretar as coisas com as quais nos defrontamos. A educação não pode prescindir dessa capacidade de problematizar; ou melhor, levantar questionamentos sobre as coisas com vistas a entender o seu funcionamento e buscar soluções diante dos problemas, desafios e dificuldades.

Questionar faz parte da vida do ser humano e por isso essa capacidade não deve ser ignorada ou reprimida; é preciso saber sobre as coisas, o que só se faz questionando e buscando entender. Essa é uma condição fundamental do ser no mundo; significa procurar o conhecimento. Essa busca se dá por meio do diálogo, um traço característico do personagem Kiriku.

O diálogo favorece na evolução do pensamento, conforme entendia o filósofo Platão, para quem o conhecimento estava nas idéias, quer dizer, no sujeito e não na aparência sensível. Nessa perspectiva, se faz necessário buscar aquilo que está além

da aparência, o que é indispensável na Filosofia. Tal concepção evoluiu para o que conhecemos hoje como dialética, um modo de conceber o conhecimento a partir da contradição e do conflito inerentes ao fenômeno. Dois pensadores se destacaram com essa concepção, Hegel e Karl Marx.

Para Hegel o processo de evolução do pensamento se dá através do diálogo e da contraposição de idéias, assim se tem a dialética hegeliana e que depois foi ressignificada pelo pensador alemão Marx. Na compreensão de Marx a dialética corresponde ao pensamento e a realidade ao mesmo tempo, de modo que a realidade também é contraditória. Marx se diferencia de seu mestre Hegel ao impingir na dialética a perspectiva materialista e não idealista

A abordagem dialética pode ser compreendida como uma circularidade que se dá por meio da conjunção entre três elementos, são eles: Tese, Antítese e Síntese. Toda tese carrega consigo seu elemento contraditório ou oposto que dá origem a antítese. Esta, por sua vez em

confluência com a tese gera a síntese. Significa que a própria história constitui num processo dialético gerador de outros processos. Essa concepção dialética implica principalmente no questionamento com vistas a compreensão e quiçá, na busca da solução dos problemas.

A perspectiva dialética nos possibilita uma leitura crítica do *filme Kiriku e a feiticeira* de modo que destacaremos alguns aspectos presentes nessa obra cuja leitura servirá para analisar e contextualizar a educação e seu papel na sociedade hoje. De modo específico, consideraremos as cenas do filme que permitem identificar nelas elementos que contribuem para combater o preconceito, os estereótipos e as várias formas de discriminação. Por último, será destacada a importância do filme *Kiriku e a feiticeira* para a análise da prática pedagógica no que se refere à desconstrução de estereótipos relacionados ao negro na sociedade.

Destacaremos, portanto, da seguinte forma: as *situações* vivenciadas

pelo personagem Kiriku, como: os desafios e confrontos; *as atitudes* do Kiriku frente às situações e, por fim, *o resultado* do confronto entre situações e atitudes do personagem central. Assim temos a situação que pode ser compreendida como tese, em seguida, as atitudes do Kiriku frente às situações como a antítese e a conseqüência gerada pelo confronto entre situação e atitude como a síntese.

Em outras palavras, podemos considerar a realidade vivida pelo personagem Kiriku como a tese, o confronto, a partir da conduta do personagem, como a antítese e, por último, o resultado do confronto como a síntese. Entendendo dessa forma a obra fílmica *Kiriku e a feiticeira*, seguramente podemos encontrar uma perspectiva pedagógica crítica da obra em questão. A seguir trataremos da perspectiva pedagógica e dialética no filme em questão destacando as situações através da quais o menino kiriku conhece a realidade, levanta questionamentos,

enfrenta desafios e preconceitos, combate e se torna um herói.

A partir dessas situações será feita uma análise sob o prisma da dialética e da pedagogia de modo a levantar elementos no sentido de favorecer uma leitura crítica do filme *Kiriku e a feiticeira* destacando sua importância para desconstrução de preconceitos e distorções construídas na sociedade em relação à cultura africana.

Kiriku e a realidade - inversão de papéis

O nascimento – a situação invertida dos papéis; mãe está para dar a luz, mas, é o filho quem pede para nascer e ele mesmo toma todas as providencias para o seu nascimento; em seguida, a criança nascida, ela mesmo corta o cordão umbilical que o ligava a mãe e pede para ser lavada, mas a mãe responde que uma criança que nasce sozinha se lava sozinha (01':51" a 02':29") (DUBOIS, 2004; SARLO, 2007).

Pode-se observar nessa passagem referente ao nascimento do menino Kiriku uma situação dada que exige dele uma

posição e, por sua vez uma atitude: se enfrenta a situação e toma as rédeas da vida ou se simplesmente se submete ao acaso. Temos, portanto uma situação, isto é, uma realidade que exige um posicionamento do menino Kiriku.

Na perspectiva dialética a realidade é marcada pelo movimento e corresponde também a totalidade das coisas; tal realidade gera outra realidade a partir do momento em que dois elementos se contrapõem, ou seja, a situação dada e todas as contradições que ela carrega; todavia, Marx entendia que o resultado da relação entre a realidade e suas contradições não se dá por acaso, mas sim, a partir das forças presentes que favorecem a transformação, principalmente da prática consciente do sujeito perante o mundo. Ou seja, a transformação depende de uma ação e não do acaso.

O menino Kiriku corresponde a essa perspectiva na medida em que se confronta com a situação que exige dele uma atitude e, consciente disso, assume a direção do seu destino desde o

nascimento. Para tanto, uma das suas principais armas passa a ser a capacidade de questionar; vejamos uma dessas situações.

Kiriku pergunta pelos seus parentes e a única resposta que recebe para todas as perguntas é que Karabá a feiticeira os aprisionou; foi o que ocorreu quando perguntou onde estavam o seu pai e seus tios. O menino faz várias perguntas e diante da resposta não se acomoda, toma atitudes de busca e de enfrentamento com vistas a solucionar os problemas.

Já nos primeiros momentos de vida de Kiriku ele se dá conta de um problema cruciante que envolve a todos na aldeia. Trata-se da feiticeira Karabá que domina a todos com "mão de ferro". Ela aprisionou todos os homens, tomou todas as riquezas dos aldeões, persegue, reprime e aterroriza a todos. A feiticeira é terrível e mantém todas as pessoas sob o seu controle sem dó e sem piedade; ela secou toda a água da fonte que atendia toda a comunidade e tornou todas as pessoas em reféns dos seus caprichos.

Temos aí a situação de opressão imposta a todos da comunidade, inclusive a família de Kiriku. Diante dessa realidade o menino questiona por que a feiticeira é má e não satisfeito com as respostas que recebia buscava solução. Decidiu também combater a feiticeira. Assim a situação dada, a realidade agora tem um novo fato que se opõe a ela: o menino Kiriku não aceita a realidade como está e resolve lutar para mudar. Ou seja, temos aí a tese e sua antítese e o que resultará desse confronto é a síntese.

Kiriku é o novo que enfrenta as adversidades sem medo; sua conduta questionadora e sua coragem em enfrentar as barreiras e desafios são fundamentais para trazer uma nova perspectiva para a sua aldeia; ele enfrentou diversas vezes a rejeição por parte até mesmo daqueles que deveriam o acolher; devido a sua postura questionadora e corajosa de enfrentar a feiticeira algumas pessoas da sua comunidade viam nele um perigo, pois, poderia provocar ainda mais a ira da feiticeira opressora.

Kiriku diante de preconceitos

Kiriku é maltratado por algumas mulheres da aldeia que diziam que ele fazia todos passar vergonha (DELEUZE, 2005). Na fala de uma das mulheres ela evidencia ainda que o menino “vai trazer desgraça para toda a aldeia”; a mãe do garoto revida afirmando que a desgraça paira sobre a aldeia há muito tempo e Kiriku salvou o seu tio. “Mãe cega” - retruca a mulher dizendo que Kiriku é muito pequeno prá salvar alguém. Nesse momento o menino alerta as mulheres que os guardiões da feiticeira estão chegando. Eles vão fazer uma varredura nas casas para verificar se encontra alguma pepita de ouro escondida (12:37 a 12:53).

A cena mostra uma situação que seguramente é esperada quando se trata de uma criança pequena vista pelos adultos; ou seja: as mulheres têm convicção de que o menino jamais poderá salvar alguém, tendo em vista ser muito pequeno; é claro que não se espera que

uma criança seja a salvadora de alguma situação; mas o caso de Kiriku é outra situação, ele tem a personalidade forte, é astuto, questiona as pessoas quando não entende alguma coisa e enfrenta a situação quando se vê necessário.

É evidente que se trata de uma licença poética no filme, todavia, o que importa é a lição extraída dessa realidade mostrada. Kiriku é uma criança sim, mas é diferente e sabe enfrentar as situações difíceis; mesmo sendo visto pelas pessoas da aldeia como alguém que só vai trazer desgraça e que é incapaz de salvar alguém, logo podemos perceber que o menino ignora o que dizem sobre ele e em ato contínuo alerta as mulheres que os guardiões estão chegando e podem atacar a todos. Dessa forma o menino que é visto como alguém que poderia trazer a desgraça para a aldeia demonstra exatamente o contrário; ou seja, ele ajuda a salvar do perigo iminente, algo que os adultos não foram capazes de perceber.

Em outro momento, aos 15': 48' a 17':52", Kiriku resolve brincar com os outros meninos que estão se divertindo

nos rio; Kiriku observa os garotos banhando-se e ao mesmo tempo jogando água entre eles; sua mãe também se encontra no rio tirando água para levar para casa; enquanto ela pega a água fala para Kiriku que Karabá a feiticeira está de mau humor e teme que ela faça algum mal às crianças. Diante desse alerta da mãe Kiriku avisa que fica para vigiar as crianças. Depois que a mãe sai ele se anima para entrar na água, pois, também quer se divertir com as outras crianças, mas, logo uma delas avisa prá ele que ele não pode e diz:

- Vá embora, não estamos falando com você.

Uma das meninas que se encontra ali com os garotos se dirige para Kiriku e chuta ele; Kiriku quase se afoga, enquanto as crianças riem dele. Em seguida ele vai para a beira do rio e fica muito triste e desconcertado batendo as suas pequenas mãos na água numa clara demonstração de angústia, porém, fica alerta, como é de sua característica; logo, percebe uma canoa indo ao encontro dos meninos sem que ninguém esteja controlando; as

crianças que estão na água se animam ao ver a canoa e uma delas fala para todos subirem nela; diante da situação Kiriku alerta que é perigoso subir na canoa; ele sabe que trata-se de mais uma armação da feiticeira, pois, uma canoa toda enfeitada não iria aparecer assim por acaso ali; as crianças não querem saber do alerta de Kiriku; uma delas até chega a dizer que ela não vai fazer nenhum mal, pois, não é a feiticeira, é uma canoa.

Kiriku continua a alertar as crianças na beira do rio para não subirem na canoa. Enquanto isso os meninos sobem e ficam brincando e rindo. Logo a canoa cria vida e pega velocidade; as crianças que estão na canoa ficam desesperadas; enquanto isso, Kiriku busca alguma forma de salvar os meninos do perigo; ele sai correndo, encontra uma faca grande que uma das mulheres da aldeia havia deixado cair no chão e sai em desabalada carreira ao encontro da canoa; pula nela e faz um buraco em sua base para que a canoa pare; o que finalmente consegue e, dessa forma, livra as crianças do perigo, tendo em vista que a feiticeira estava ansiosa

esperando pegar a todos naquela canoa. Diante desse ato heróico as crianças reconhecem o Kiriku como um valente, embora seja pequeno.

Mais uma vez Kiriku é alvo de preconceito e até de agressão; ele não se intimida, continua alerta e até chega a salvar os meninos do perigo armado pela maldosa feiticeira.

Nesse trecho no qual Kiriku salva as crianças do perigo, temos uma situação difícil encarada pelo pequeno herói com destemor, astúcia e inteligência. Kiriku não se intimida com a situação de preconceito por parte das crianças para com ele. Ele simplesmente se mantém numa posição madura, algo muito diferente dos meninos maiores que ali se encontram e que só tinham a intenção de brincar; enquanto Kiriku é xingado, agredido e humilhado, logo ele responde com um ato de heroísmo salvando as crianças do perigo. Assim o nosso personagem sai de uma situação por cima; ele enfrenta com bravura o perigo, vence e ainda tem um reconhecimento do grupo que antes o ignorava. O resultado que consegue é,

sem dúvida, devido a sua forma de se colocar perante uma situação desconfortável ou de perigo e que permite a ele dar a volta por cima e se sair muito bem.

A lição que podemos tirar dessa parte em que Kiriku enfrenta várias adversidades e salva as crianças são várias; primeiramente podemos citar sua atitude centrada e sua postura de coragem e sabedoria diante das dificuldades. Aprendemos com a atitude desse herói minúsculo que a mudança, ou seja, a transformação que queremos diante de uma situação de adversidade não depende do acaso, nem de alguém, mas daquele que se vê numa situação adversa, observa calmamente e age com precisão de modo a atingir seu objetivo.

O pensamento dialético nos proporciona uma visão ampla da realidade e, conseqüentemente, uma atitude certa e coerente para a superação das adversidades. A situação enfrentada por Kiriku exigia conhecimento e habilidade diante da realidade que se apresentava; enquanto era humilhado,

agredido e ignorado ele respondeu com inteligência, atenção e heroísmo. Sua postura se opôs totalmente a realidade que se apresentava. O pequeno herói sabia o que queria; ele sempre sabe o que quer, e por isso soube como agir na adversidade; quando não se sabe o que quer dificilmente se consegue chegar a algum lugar seguro; ou melhor, dificilmente se consegue atingir algum sucesso.

Outro ponto que merece destaque é que, mais uma vez temos aí uma situação na qual há uma inversão de papéis: Kiriku como uma criança pequena era a mais nova do grupo que ali se encontrava, era exatamente quem deveria ser protegida pelos demais, uma vez que, além dos outros garotos serem mais velhos e maiores do que ele, também pertenciam a mesma comunidade, de modo que se espera que por ser praticamente da mesma família e ser o menor e mais novo do grupo ele deveria receber a proteção dos outros, mas acontece exatamente o oposto, Kiriku é quem protege os mais velhos. Nesse

sentido o personagem central criado no filme Kiriku e a feiticeira se opõe à realidade e, por isso, chama a atenção.

Diante dessa constatação, podemos considerar a atitude problematizadora que essa animação sobre um herói negro e pequeno proporciona. O personagem por si já tem uma característica questionadora, algo típico do pensamento dialético; ou seja, toda realidade não é algo que deva ser encarado como necessariamente natural; até mesmo porque o conceito de realidade tem a ver com a relação do sujeito (ou sujeitos) com o mundo, as coisas e com os outros. O que denominamos realidade só é realidade a partir da perspectiva fenomenológica; significa da postura do sujeito diante do objeto e o modo como ele apreende o objeto a partir do contexto no qual se encontra.

Desse modo, se um acontecimento se configura numa realidade para um indivíduo ou vários, não significa que todos os indivíduos vão assimilar ou encarar da mesma forma. Por isso que o que chamamos de síntese na ótica

dialética é na verdade a realidade fruto do confronto entre situação e seu oposto a partir da perspectiva do sujeito. Explicando: na situação na qual Kiriku se encontrava diante do perigo iminente, no caso, a canoa com todas as suas cores e beleza, enquanto era vista pelos outros meninos como uma canoa muito bonita, era na verdade uma armadilha que os levariam até a feiticeira malvada; e Kiriku percebeu claramente esse perigo, enquanto para os meninos era algo para se brincar.

Temos nessa situação uma coletividade, no caso, o grupo de meninos que só queria brincar e que não se dava conta do perigo e, portanto, a realidade que se mostrava para eles era uma falsa realidade, era a aparência e por trás da aparência sempre há outra realidade, como já lembrava o filósofo Platão em sua *Alegoria da caverna*.

Platão foi um dos primeiros a tratar da dialética e do seu pensamento temos muito que considerar; muito embora o seu foco estivesse no plano das idéias. Mas foi também a partir das idéias que Hegel

estruturou seu pensamento dialético e que logo depois esse pensamento dialético influenciou significativamente o teórico Karl Marx no século XIX, considerou basicamente grande parte da compreensão da dialética hegeliana, sendo que em vez de focar apenas na perspectiva idealista Marx preferiu à materialista; isto é, para ele a dialética relidade deve ser percebida a partir das condições históricas e materiais e sua influência no sujeito; esse que, por sua vez interfere na realidade e pode transformá-la.

O personagem Kiriku é retratado nessa perspectiva transformadora a partir das condições estabelecidas; Kiriku representa a negação do super herói fabricado pela indústria cultural, conforme podemos perceber nos chamados filmes de massa ou comerciais; assim o menino Kiriku confronta também com os padrões estabelecidos pela cultura dominada pelo mercado; em vez disso, temos um personagem criado a partir da realidade dos colonizados, dos povos africanos de modo que já traz à discussão sobre esse

povo, seus descendentes e sua história, suas crenças, lutas e desafios.

Trata-se de uma maneira de desconstruir a ideologia predominante de que o mais forte e verdadeiro é aquele que manda que impõe seus interesses e suas regras, inclusive suas crenças como a mais perfeita. Em Kiriku a feiticeira representa esse poder e essa ideologia que impõe a todos os habitantes da aldeia as suas regras e seus interesses; mas, o garoto Kiriku se posiciona alheio a essas regras e procura conhecer para transformar. A postura do pequeno herói negro contrasta com a dos povos da aldeia, pois, a maioria se sente resignada com a situação de exploração na qual vive.

Embora reconheça que a feiticeira é má e que submete a todos da comunidade uma vida de insegurança e medo, boa parte das pessoas teme a feiticeira e sua ira. Mesmo tendo secado a água da fonte que atendia toda a comunidade e tendo que entregar toda a sua riqueza produzida, as mulheres da aldeia não encontram forças para

enfrentar a maldosa feiticeira. Quase todos os homens da aldeia foram aprisionados por Karabá, a feiticeira; sobraram apenas um ancião e um tio do Kiriku; esse que ainda tem coragem de enfrentar a malvada, e as crianças, dentre elas o mais novo dos infantes, o Kiriku. A postura desse menino é o fato novo que revoluciona aos poucos toda a aldeia.

As condições estabelecidas favorecem a dominadora, a feiticeira, tendo em vista que grande parte das adversidades sofridas pelo povo da comunidade da qual faz parte o pequeno herói, foi imposta por ela. Além do mais ela impõe o terror, a vigilância constante e o medo a todos. Na situação em que a comunidade de Kiriku se encontra não havia alternativa, até o momento em que surge o pequeno garoto que traz ânimos aos seus aldeões. Todos estavam acomodados e não sabiam como reagir, até que a situação muda completamente com a chegada de Kiriku, embora em diversos momentos ele tenha sido alvo de preconceito até mesmo pelas pessoas da sua comunidade, principalmente pelo fato

dele ser pequeno e ousado, aos poucos as pessoas vão reconhecendo seu valor.

Mas isso só aconteceu devido à postura do novo menino. Na verdade, há uma situação de ambivalência na comunidade em relação ao Kiriku, ao mesmo tempo em que reclamam dele, tentam ignorá-lo e até xingam ele, também reconhecem suas atitudes heróicas. Isso também é uma característica da dialética, tendo em vista que todo fenômeno carrega consigo a sua contradição e, em se tratando de realidade e de pessoas, estas estão sempre em processo de mudança. Não há uma linearidade nas coisas, na vida, nas pessoas e no mundo, como defendem os positivistas mais ortodoxos; há um processo contínuo de mudanças, uma circularidade e nesse processo o sujeito é responsável pela qualidade das mudanças que podem ocorrer.

A importância do questionamento para o conhecimento e para a tomada de ação consciente

Na primeira situação em que o personagem Kiriku se dá conta da

realidade com o nascimento cujo parto ele foi o próprio protagonista, temos nessa parte uma atitude de autonomia e de afirmação da personalidade diante da realidade.

Kiriku nasce sem a ajuda de ninguém, escolhe o seu próprio nome, se lava sozinho e já levanta os primeiros questionamentos a partir do momento em que se dá conta do mundo a sua volta. Já foi demonstrado que questionar é uma característica central do Kiriku. Essa é sem dúvida uma das principais armas desse personagem para conhecer e enfrentar os desafios que ele encontra encontra pela frente.

Perguntar é da natureza do ser humano e é a principal forma de se saber sobre as coisas; quando as respostas não são suficientes surge a partir daí a necessidade de buscar outras formas de aprofundamento tais como a pesquisa, a reflexão, a contextualização e a interpretação. Foi dessa forma que os grandes estudiosos das diferentes áreas conseguiram realizar grandes descobertas e é também dessa forma que o pequeno

Kiriku, de pergunta em pergunta, reúne as informações necessárias, toma conhecimento a cada passo sobre a realidade que envolvia a feiticeira, sua relação com o povo da vila, sobre as espertezas e fragilidades daquela que era considerada a mais perigosa e que colocava todo o povo aos seus pés; dessa forma Kiriku se prepara para enfrentar a malvada feiticeira.

Os questionamentos levam Kiriku ao conhecimento cada vez mais aprofundado, de modo que ele não se contentava com as simples respostas e até com o que as pessoas diziam sobre ele; ele tinha convicção do que queria e tomou as medidas necessárias para saber como enfrentar a feiticeira e sua maldade.

Kiriku, a partir dos seus questionamentos, fica sabendo que a feiticeira até pode se apresentar como uma grande malvada, só que ela não é uma bruxa poderosa quanto pensam e nem tão forte; ela utiliza da ideologia quando domina a partir da imposição do medo e do terror e deixa as pessoas pensarem que ela tem poder suficiente

quando na verdade ela se mostra muito mais um blefe; por exemplo: as pessoas da aldeia pensavam que ela tinha engolido os homens, quando de fato isso não acontecia, ela apenas aprisionava; também pensavam que ela quem tinha secado a fonte com o seu poder, mas a fonte havia secado porque tinha um animal enorme que bebia toda a água; o animal tinha entrado no local da fonte ainda quando era pequeno.

A conversa de Kiriku com o sábio avô demonstra a importância de se buscar o conhecimento por meio do questionamento e do diálogo. Ao final da conversa o pequeno menino reuniu elementos suficientes para saber que a força de pessoas como a malvada feiticeira está exatamente no desconhecimento das outras, no comodismo e na desunião. Mas, foi pelo questionamento e pela força de vontade para aprender que Kiriku se tornou um verdadeiro herói; todavia, ele também não tinha nada de especial, a não ser a disposição para aprender e a clareza de seus objetivos para enfrentar as

dificuldades e superá-las. Isso qualquer um pode ser se não se apega apenas ao comodismo e ao medo.

Fica, portanto, a lição dos questionamentos do menino Kiriku para a nossa vida, principalmente quando se trata de educação; é pela educação livre e pela dedicação para buscar conhecimento que se aprende.

Kiriku enfrenta desafios e preconceitos, combate e se torna um herói.

Já foram demonstradas anteriormente situações em que Kiriku enfrenta preconceitos quando foi xingado por algumas mulheres da aldeia e quando as crianças o ignoravam por ser pequeno. Essas situações o menino Kiriku enfrentou com tranquilidade e venceu demonstrando que o preconceito por ele ser pequeno não o impediu de ele fazer o que acreditava e inclusive enfrentar o perigo. Agora trataremos dos momentos em que Kiriku combate, vence e se torna um herói.

Em vários momentos da animação *Kiriku e a feiticeira*, o pequeno

personagem demonstra inteligência, sagacidade, paciência e coragem. Quando defendeu as crianças da canoa encantada isso ficou evidente. Antes, porém ele tinha sido discriminado pelos meninos e respondeu defendendo-os do perigo. Há outro momento em que Kiriku defende as crianças, dessa vez é de uma árvore encantada, também levada até aos meninos pela feiticeira.

19:35 a 20:40- A árvore da feiticeira se fecha com as crianças e sai correndo para a casa de karaba, Kiriku sai correndo para salva-las e pega uma faca com uma das mulheres da aldeia e corre até encontrar a árvore com as crianças.

25:24 a 26:05- Kiriku pega um espeto que uma das mulheres da aldeia estava esquentando no fogo e entra no buraco de onde sai a água da fonte e fura o bicho que tinha tomado toda a água da fonte; a água então desce na bica e a mulher grita água, água voltou.

28: a 29:20 - Todos da aldeia festejam Kiriku por ter liberado a água da fonte, todos cantavam

Kiriku não é grande e é bem valente,
Kiriku é pequeno mas é meu amigo,

Kiriku brincalhão é o melhor de nós,
Kiriku não é grande e tem seu valor e o seu maior tesouro é o coração de ouro,
esta no meu coração no seu coração,
Kiriku é pequeno e é nosso amigo, Kiriku não é grande e é o melhor

A letra da música reflete o contraste evidente entre uma pequena criança e o mundo dos adultos formado pelo padrão social de que tem que ser grande fisicamente para ser o melhor. Na realidade Kiriku desconstrói essa percepção preconceituosa e mostra sua inteligência e capacidade de vencer mesmo pequeno. Quando sabemos o que queremos buscamos o conhecimento para saber como as coisas funcionam e nos tornamos capazes de enfrentar os desafios e dificuldades à revelia daqueles que pensam o contrário; as regras e normas em geral são impostas pela coletividade e nem sempre correspondem aos interesses de fato da maioria, embora tenha seu consenso em determinadas situações, como podemos perceber na sociedade. O fato é que a normalidade é imposta pela coletividade, isso é, pela maioria, todavia, é preciso consciência das condições que se vive para enfrentar as

regras cristalizadas como se fossem eternas e que só convém para aqueles que estão no domínio da situação.

Kiriku supera as regras estabelecidas, por isso que se torna um herói, mesmo em vários momentos tendo sido alvo de preconceitos e de discriminação.

Temos nesse aspecto mais uma lição da perspectiva dialética presente no filme *Kiriku e a feiticeira*; o menino Kiriku é a antítese do que se apresenta, enfrenta os desafios e todo o padrão estabelecido para superar e mostrar que somos capazes quando acreditamos no que queremos e quando não temos medo de questionar a estrutura vigente. Foi com essa postura que Kiriku descobriu um jeito de resolver a situação com a feiticeira que tanto mal já tinha provocado ao seu povo.

Considerações finais

A obra *Kiriku e a feiticeira* apresenta uma perspectiva crítica e pedagógica sobre a vida de um pequeno herói negro de uma aldeia africana. Encontramos vários aspectos do filme,

conforme foi destacado, que oferecem elementos para desconstrução do preconceito e do racismo ainda tão presente em nossa sociedade baseada no individualismo, no consumo e na padronização; além disso, prioriza os pequenos gestos, o cotidiano simples de uma aldeia africana.

Após destacar alguns aspectos do filme do pequeno herói negro, percebemos que *Kiriku e a feiticeira* remete o espectador a um olhar atento e crítico sobre como a dominação que se estabelece sobre um povo quando os seus habitantes por alguma razão se acomodam e não têm a curiosidade para questionar como determinadas situações de injustiça são estabelecidas numa sociedade como se fosse um processo natural, quando na verdade se trata simplesmente de interesses que se impõem em razão de determinados contextos e ideias que favorecem aqueles que se mantêm no poder.

A perspectiva pedagógica no filme *Kiriku e a feiticeira* está praticamente em toda a narrativa construída na obra no

sentido de mostrar o valor das pequenas coisas que fazem parte do cotidiano; assim encontramos na natureza, nas histórias contadas pelos moradores, nas crenças, no sentimento de solidariedade, dentre outros fatores demonstrados no filme os quais permitem ao espectador refletir sobre os sentidos e significados que fazem a vida de um povo, de uma coletividade.

De modo mais preciso, o senso de questionamento, a curiosidade constante do herói minúsculo, como é o caso do menino Kiriku, revelam a importância de não se acomodar com as dificuldades, mas sim de procurar conhecer as causas dos fenômenos para buscar a ação mais viável para a solução dos problemas que surgem e que desafiam um povo a procurar os meios de enfrentamento das dificuldades e com isso descobrir suas capacidades para encontrar a solução.

O menino Kiriku tinha tudo para se manter acomodado, assim como era todo o povo da aldeia em que vivia; ele era minúsculo, pobre, discriminado constantemente, rejeitado pela maioria da

aldeia, até mesmo pelas outras crianças, mas nem por isso o menino Kiriku se deu por vencido. Ele enfrentou com coragem todos os desafios e dificuldades que encontrou pela frente e, conseqüentemente, superou tudo o que era empecilho e ainda resolveu o problema central da aldeia, que era a malvada feiticeira que mantinha todos os aldeões sob o seu jugo.

São muitas as lições da obra *Kiriku e a feiticeira*; trata-se de uma obra particular que desconstrói o mito do herói criado pela sociedade moderna que padronizou o que considera bom, belo e útil. O herói Kiriku é o oposto do herói criado pela cultura ocidental que se baseia no imaginário do colonizador, na ideia de superioridade, na brancura como ideia de pureza e de beleza, na altura como modelo de beleza e de superioridade; tudo isso é desconstruído quando se tem um herói minúsculo, negro e pobre, mas que em nenhum momento se deixou abalar-se. Temos, portanto em *Kiriku e a feiticeira* a possibilidade de refletir sobre os valores que estão presentes em nossa

sociedade e que em geral foram impostos por um grupo como forma de manutenção da exploração e da dominação.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Mágia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARNEY, L. e SCHWARTZ, V. (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUBOIS, Phillippe. **Cinema, Video, Godard**. São Paulo: Cosac e Naif, 2004.

Kirikú e a Feiticeira (Kirikou et la Sorcière. 1998). França / Bélgica / Luxemburgo. Direção e Roteiro: Michel Ocelot. [Vozes/Cast](#). Gênero: Animação, Aventura, Família. Duração: 74 minutos.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras: Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.